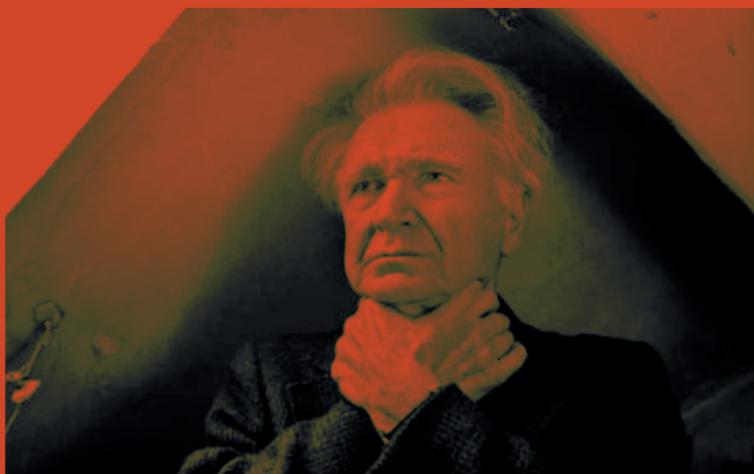


CADERNOS AH!

#02



BREVE CONFISSÃO



AO RELER...

Emil Cioran

Breve confissão / Ao reler...

Emil Cioran

Tradução: Fernando Ramalho

Paginação: Fernando Ramalho

Origem dos textos: Emil Cioran, *Exercices d'admiration*,
Gallimard, 1986.

Março de 2023

www.muralsonoro.com

muralsonoro.info@gmail.com

Breve confissão

Não tenho vontade de escrever senão num estado explosivo, febril ou crispado, num estupor tornado frenesi, num clima de ajuste de contas em que as invectivas substituem as bofetadas e os golpes. Geralmente começa assim: um ligeiro tremor que se vai tornando cada vez mais forte, como quando recebemos um insulto e não respondemos. A expressão

Emil Cioran (1911-1995) foi um filósofo e ensaísta romeno.

equivale a uma réplica tardia ou a uma agressão diferida: escrevo para não passar a vias de facto, para evitar uma crise. A expressão é um alívio, uma desforra indirecta daquele que é incapaz de suportar uma vergonha e que se revolta *por palavras* contra os seus semelhantes e contra si mesmo. A indignação é menos um gesto moral do que literário. A indignação é mesmo a mola da inspiração. E a sabedoria? A sabedoria é precisamente o oposto. O sábio que há em nós abala todos os nossos *ímpetos*, é o sabotador que nos diminui e nos paralisa, que expõe o louco que há em nós para o amansar e o comprometer, para o desonrar. A inspiração? Um desequilíbrio súbito, volúpia inominada de se afirmar ou de se destruir. Não escrevi uma única linha na minha temperatura normal. Além disso, durante muitos anos julguei ser o único indivíduo livre de taras. Esse orgulho beneficiou-me: permitiu-me encher páginas e páginas. Parei praticamente de produzir no momento em que, aplacado o meu delírio, fui tomado uma pernicioso modéstia, fatal para essa febrilidade de onde emergem as intuições e as verdades. Só sou capaz de produzir quando, liberto de súbito do sentido do ridículo, me vejo como o princípio e o fim.

Escrever é uma provocação, uma visão alegremente falsa da realidade que nos coloca *acima* do que existe e do que julgamos existir. Competir com Deus, ultrapassá-lo mesmo apenas pelo valor da linguagem, eis a façanha do escritor, espécime ambíguo, dilacerado e enfatuado que, liberto da sua condição natural, se abandonou a uma vertigem soberba, sempre desconcertante, muitas vezes odiosa. Não há nada mais miserável do que a palavra, e no entanto é por via dela que atingimos sensações de felicidade, dilatação derradeira em que encontramos totalmente sós, sem o menor sentimento de opressão. O supremo alcançado pelo vocábulo, pelo próprio símbolo da fragilidade! Curiosamente, também podemos alcançá-lo através da ironia, na medida em que esta, levando ao extremo a sua obra de demolição, provoque calafrios a um deus virado do avesso. As palavras como agentes de um êxtase invertido... Tudo o que é verdadeiramente intenso participa do paraíso e do inferno, com a diferença de que o primeiro não podemos senão entrevê-lo, ao passo que o segundo temos a oportunidade de o perceber e, mais do que isso, de *o sentir*. Há uma vantagem ainda mais extraordinária da qual o escritor tem o

monopólio: a de se livrar dos seus *perigos*. Sem a possibilidade de encher páginas de tinta, pergunto-me o que viria eu a ser. Escrever é desfazer-nos dos nossos remorsos e rancores, vomitarmos os nossos segredos. O escritor é um desequilibrado que, para se curar, recorre a essas ficções que são as palavras. Quantas angústias, quantas sinistras crises não venci eu graças a esses remédios insubstanciais!

Escrever é um vício de que nos podemos cansar. Na verdade, escrevo cada vez menos e acabarei certamente por não escrever de todo, por não encontrar qualquer fascínio nesse combate com os outros e comigo próprio.

Quando nos dedicamos a um tema, seja ele qual for, experimentamos uma sensação de plenitude, acompanhada de um toque de arrogância. Fenómeno ainda mais estranho: essa sensação de superioridade quando evocamos uma personagem que admiramos. No meio de uma frase, com que facilidade nos julgamos o centro do mundo! Escrever e venerar não caminham a par: queiramos ou não, falar de Deus é olhá-lo *de cima*. A escrita é a vingança da criatura e a sua resposta a uma Criação desleixada.

Ao reler...

Ao reler este livro, que remonta há mais de 30 anos, procuro reencontrar a personagem que eu era e que se esconde, que me escapa, pelo menos em parte. Os meus ídolos eram Shakespeare e Shelley. Continuo a ler o primeiro; o segundo, raramente. Só o refiro para mostrar o género de poesia de que estava intoxicado. O lirismo desenfreado ajustava-se às minhas disposições: identifico, infelizmente, os seus vestígios em todas as minhas tentativas de então. Quem é que ainda consegue ler um poema como *Epipsychidion*? Pois eu lia-o deliciado. O platonismo histórico de Shelley repugna-me e, ao fervor, seja qual for a forma com que se apresente, prefiro hoje a concisão, o rigor, a frieza de intenções. A minha visão das coisas, no fundamental, não mudou, o que mudou foi seguramente o *tom*. Raramente modificamos verdadeiramente as nossas convicções. O que, na verdade, se altera é a forma, a aparência, o ritmo. Ao envelhecer, fui-me apercebendo de que a poesia me era cada vez menos necessária: estará o gosto que sentimos por ela ligado a um excesso de vitalidade? Sinto cada vez mais – provavelmente

por *fadiga* – uma tendência para a *secura*, para o laconismo, em detrimento da explosão. Ora, o *Breviário* foi uma explosão. Enquanto o escrevia, parecia que escapava a um sentimento de opressão com o qual não teria sido capaz de conviver por muito mais tempo: precisava de respirar, precisava de *explodir*. Fazia-me falta uma explicação decisiva, não tanto acerca dos homens mas da existência enquanto tal, que me mobilizaria para um combate singular, nem que fosse para ver *quem* levaria a melhor. Para ser franco, eu tinha quase a certeza de que estaria em vantagem, de que seria impossível ela triunfar. Imobilizá-la, encostá-la à parede, reduzi-la a nada com argumentos frenéticos e num tom que lembrasse Macbeth ou Kirilov –, era essa a minha ambição, o meu propósito, o meu sonho, o projecto de cada um dos meus instantes. Um dos primeiros capítulos intitula-se «O antiprofeta». Com efeito, eu reagia como um profeta, atribuía a mim mesmo uma missão, digamos, dissolvente, mas ainda assim uma missão. Atacando os profetas, atacava-me a mim próprio e... Deus, seguindo o meu princípio, à época, de que deveríamos ocupar-nos apenas Dele e de nós próprios. Daí o tom uniformemente violento de um

ultimato (não sucinto, como deveria ser, mas palavroso, difuso, insistente), de uma intimação dirigida ao Céu e à Terra, a Deus e aos seus *Ersatz*, a tudo, em resumo. No furor desesperado daquelas páginas, onde em vão se procuraria um tudo-nada de modestia, de reflexão serena e resignada, de aceitação e de trégua, de fatalismo alegre, chegam ao apogeu o arrebatamento e a loucura da minha juventude, assim como uma incoercível volúpia de negar. O que sempre me seduziu na negação é a capacidade de tomar o lugar de tudo e todos, de ser uma espécie de demiurgo, de *dispor* do mundo, como se tivesse participado no seu advento, adquirindo por isso o direito, e mesmo o dever, de precipitar a sua ruína. A destruição, consequência imediata do espírito de negação, corresponde a um instinto profundo, a um tipo de inveja que cada um certamente experimenta no fundo de si relativamente ao primeiro dos seres, à sua posição e à ideia que representa e simboliza. Ainda que tivesse frequentado os místicos, no meu íntimo estive sempre do lado do Diabo: como não podia equivaler-me com ele pela força, tentei pelo menos igualá-lo na insolência, na acrimónia, na arbitrariedade e no capricho.

Depois da publicação da tradução espanhola do *Breviário*, dois estudantes andaluzes perguntaram-se se era possível viver *sem fundamentación*. Respondi-lhes que, de facto, nunca tinha encontrado uma base sólida em lado nenhum mas que tinha, no entanto, sido capaz de subsistir porque, com os anos, habituamo-nos a tudo, até à vertigem. Além disso, não estamos atentos nem nos interrogamos constantemente, a lucidez absoluta é incompatível com a respiração. Se tivéssemos, a cada momento, consciência do que sabemos, se, por exemplo, a sensação de ausência de fundamento fosse simultaneamente contínua e intensa, acabaríamos por nos suicidar ou por nos tornar idiotas. Nós existimos graças aos momentos em que nos *esquecemos* de certas verdades, e isso porque durante esses intervalos acumulamos a energia que nos permite enfrentar as ditas verdades. Quando me desvalorizo, digo a mim mesmo, para recuperar a confiança, que, no final das contas, fui capaz de me manter existindo, ou num simulacro de existência, com uma percepção das coisas que bem poucos teriam conseguido suportar. Vários jovens em França confessaram-me que o capítulo que mais os atraiu foi *O autómato*, esse requinte do intolerável.

Devo ser, à minha maneira, um lutador, uma vez que não sucumbi às minhas ruminções.

Os dois estudantes também me perguntaram por que razão não parei de escrever, de publicar. Nem todos têm a sorte de morrer jovens, respondi-lhes. O meu primeiro livro com um título sonante – *Nos Cumes do Desespero* – escrevi-o em romeno, aos 21 anos, prometendo a mim mesmo nunca recomeçar. Depois veio outro, com a mesma promessa agarrada. E a comédia foi-se repetindo por mais de 40 anos. Porquê? Porque escrever, por pouco que fosse, ajudou-me a passar pelos anos, atenuando e, em parte, superando as obsessões *expressas*. Produzir é um alívio extraordinário. E publicar não o é menos. Um livro publicado é a tua vida, ou parte dela, a tornar-se exterior a ti, já não te pertence, parou de te perseguir. A expressão diminui-te, empobrece-te, alivia-te do teu próprio peso, a expressão é uma perda de substância e libertação. Esvazia-te, e portanto salva-te, poupa-te a um embaraço excessivo. Quando odiamos alguém ao ponto de o querer liquidar, o melhor é pegar numa folha de papel e escrever várias vezes que X é um animal, um crápula, um monstro, e de imediato percebemos que o detestamos menos

e que quase já nem pensamos em vingança. Foi mais ou menos o que fiz em relação a mim próprio e ao mundo. Arranquei o *Breviário* às minhas entranhas para injuriar a vida e para me injuriar. O resultado? Suportei-me melhor, tal como suportei melhor a vida. Cada qual cuida de si como pode.

A primeira versão do livro foi escrita muito rapidamente em 1947 e chamava-se *Exercícios Negativos*. Passei-a a um amigo, que ma devolveu alguns dias depois dizendo: «Isto tem de ser totalmente reescrito.» Recebi muito mal o seu conselho mas, felizmente, segui-o. De facto, escrevi-o quatro vezes, porque não queria, de todo, que fosse visto como se tivesse sido escrito por um estrangeiro. O que ambicionava era, nem mais nem menos, competir com os autóctones. De onde poderia vir tamanha presunção? Os meus pais, que falavam apenas romeno, húngaro e um pouco de alemão, as únicas palavras francesas que conheciam eram *bonjour* e *merci*. Tal como sucedia com a quase totalidade dos transilvanos. Quando, em 1929, fui para Bucareste estudar, constatei que a maioria dos intelectuais falava fluentemente francês; daí que, de regresso a casa, eu, que só me relacionava com o francês pela leitura, come-

cei a alimentar uma raiva que se manteria por muito tempo, e que ainda cá está sob uma outra forma, uma vez que, chegado a Paris, nunca fui capaz de me desembaraçar do sotaque valáquio. Se não podia falar como os autóctones, tentaria pelo menos escrever como eles. Suponho que tenha sido este o meu raciocínio inconsciente. De outro modo, como se explicaria a minha obstinação em querer fazê-lo tão bem quanto eles, e mesmo – insensata pretensão – melhor do que eles?

O empenho que colocamos na nossa afirmação, para nos compararmos com os nossos semelhantes, e se possível para os ultrapassarmos, tem razões vis, inconfessáveis, e portanto profundas. Pelo contrário, as decisões nobres, resultantes de uma vontade de reserva, carecem inevitavelmente de vigor, e abandonamo-las rapidamente, com ou sem arrependimento. Tudo aquilo em que nos distinguimos deriva de uma origem obscura e suspeita, das nossas profundezas mais fundas.

Mais: deveria ter escolhido qualquer outra língua que não o francês, uma vez que não combino com o seu ar distinto, está nos antípodas da minha natureza, dos meus excessos, do meu eu verdadeiro

e dos meus géneros de miséria. Devido à sua rigidez, ao conjunto de elegantes constrangimentos que representa, é um idioma que me surge como um exercício de ascese ou, mais ainda, como uma mistura de camisa-de-forças com salão de chá. Ora, foi justamente por causa dessa incompatibilidade que me liquei ao francês, a ponto de exultar quando o grande sábio nova-iorquino Erwin Chargaff (nascido, como Paul Celan, em Czernowitz) me confidenciou um dia que, para ele, *só o que era expresso em francês merecia existir...* Agora que esta língua está em pleno declínio, o que mais me entristece é constatar que os franceses não parecem sofrer com isso. E sou eu, escória dos Balcãs, que me angustio por vê-la soçobrar. Pois bem, afundarei, inconsolável, com ela!

AH!

Associação Mural Sonoro

Cç. Santana, 169

1150-303 Lisboa